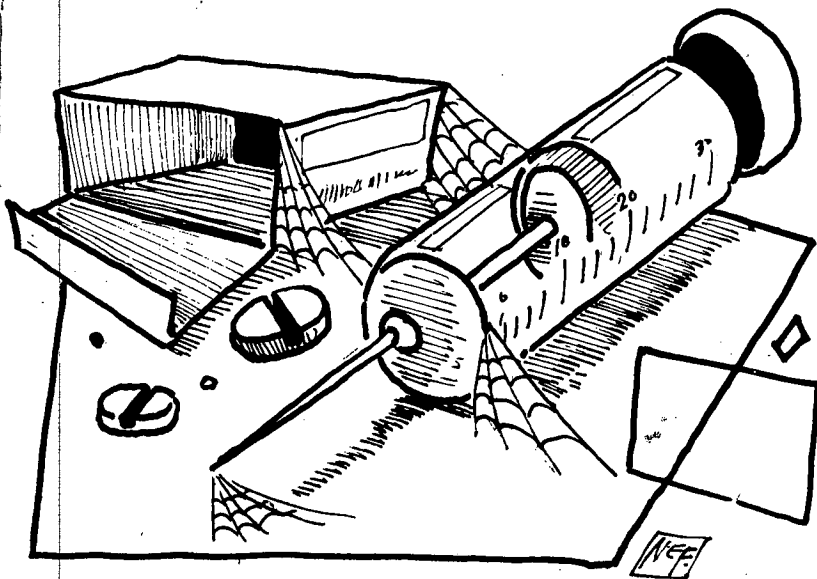


Crise faz hospital do Rio rejeitar pacientes

Rio — Abandonado pelo poder público e sem médicos suficientes, o Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro — o único a manter um serviço de emergência para cardíacos no estado — está agonizante. Centro de referência para doenças do coração, que viveu seus tempos áureos nas décadas de 60 e 70, o hospital mergulhou num abismo de inoperância que se agravou nos últimos meses. Perdeu 54 dos 90 cardiologistas, fechou o CTI clínico e o berçário, desativou 50 dos 136 leitos e até as cirurgias, a atividade mais nobre da unidade — que já foi a menina dos olhos dos maiores cirurgiões do País —, hoje não passam de duas por mês. E só beneficiam crianças, que ganharam a preferência na fila pela vida.

Apesar das instalações razoavelmente bem conservadas, o drama do hospital ganha forma na recusa de internações que podem fazer cinco ou seis pessoas voltarem todos os dias para casa. Outro reflexo da crise são as 300 guias expedidas por mês, pela direção do hospital encaminhando pacientes para outras entidades, 90 por cento delas privadas. Quando não faltam equipamentos



essenciais no tratamento de cardiopatias — como um aparelho de cateterismo há 15 anos requisitado pelo hospital para estrear uma sala especial revestida em chumbo que nunca foi usada —, faltam recursos humanos para operar os que existem, muitas vezes até bem modernos, como o de ecocardiografia colorida.

Para não fechar suas portas, a emergência funciona precariamente, não raro através do esforço de um único médico, que

atende várias pessoas ao mesmo tempo. Manter os médicos no hospital, especialmente os cardiologistas, tem sido uma tarefa árdua para o diretor Astofo Serra Junior.

O chefe da Divisão Médica, Salvador Serra, admite que, se houvesse profissionais, o hospital poderia fazer até duas cirurgias por dia, cerca de seis mil atendimentos ambulatoriais por mês — hoje são dois mil — e cinco ou seis, cateterismos por dia.